

[Sem Título]

Recebido em 11-08-2022
Modificado em 15-10-2022
Aceito para publicação em 24-11-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i3.39816>

 **Diego Gonçalves Carvalho**

Graduando em letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: diegogoncarv@gmail.com

Apresentação

O presente trabalho realiza uma bricolagem narrativa com intento de inventar performances de tradução.

291

I.

“No poema, ocupação incompleta da palavra pela experiência; outra parte o poema ocupa com experiência; uma parte distante ainda, livre, i.e. ocupável.”

– Paul Celan

Sentado. A mão esquerda um berço, em que nina sua cabeça; vento calmo; de tempo em tempo, soluços; para quem passa, nada – outro amaldiçoado chora. Pronto para cair na pena de Cervantes sendo o da triste figura, num ponto de *Vita Nuova*, teria profetizado um trabalho por vir.

No chão, indicando, desenha a destra algo do pranto vindo – jamais com ele. Algumas passantes choram, como *costume era da cidade de que já falara, moças com moças e homens com homens s’unindo a tal tristeza*,¹ chamam atenção da triste figura:

FALAndo

292

“Certo, ela chora sim, que quem em vista a tenha há de morrer de piedade”;

“De nós seria alegre quem, em ouvindo falar a moça assim tão piamente?”;

“E este, que a chorar, chora sem mais nem menos como se a houvesse de ter visto, como nós houvemos”;

pondo nel’os olhos:

“Vê, este que mais não é este, feit’outro!”.

A cena nunca fora precisa.

Fica por ocupar: aqui a experiência do leitor poderia preencher, como bem quisesse, a imagem triste.

– Vão nomeá-la, moças!

Estranhas a nós, indiferentes, sem nome, levam consigo o “eu” da *Vita Nuova* – vemo-lo breve, quando muito ouvimos

¹ Esta e as demais traduções são do autor.

fiz

diante da paisagem, sentado numa pedra o H O M E M

(vendo-o o demônio) – o demônio lê na P E D R A

DESOLAÇÃO

À mão tem pousado o rosto o homem, como cansado.

expressão

não há tentação – do demônio:

Nada

confunde das coisas o som, organização inexistente ao longo

não

se mexe, o homem.

Mover-se é viver:

demônio

vai à pedra.

Escreve

SI LÊ NCIO

Ergue-se
o homem.
Sai da pedra,
foge. Porque
o mundo não
tinha som, viera
voz ao homem

– N a s c i

quando um'estrela, que já no mundo havia antes d'haver, veio, onde a luz se apresentou precisei
falar

294

ela
chora

uma estrela...
chorava

AGORA

d i a n t e

antes

aqui

DEPOIS

há de estar

este MUNDO

ATENTA

para os
o l h o s

diante

do que víramos

tendo nas costas

295

o
NÃO
visto

somos nós a

VER

NÃO

veem-nos

*Vocês, levando o semblante humilde,
com os olhos baixos, mostrando dores,
de onde vem, que as cores
parecem da piedade, amiúde?*

*Terão visto nossa moça gentil
banhar Amor de pranto sua visão?
Dizei-me, moças, que disse meu coração,
porque vend'eu vi andar sem ato vil.*

*E se vieram de tamanha piedade,
queiram descansar 'qui no meu canto,
e sendo dela me não ponde de parte.*

*De vocês os olhos vejo, qu'hão chorado,
e vos vend'assi desfig'rar-se,
qu'o peito me treme de ver tanto.²*

² Vita Nuova, XXIII (ALIGHIERI, 1932).

II.

Escorre de tua consciência
oceano
navega-o suave com'um lago.

No viver, nomeia.
Sente,
e no que sentires te há de falar
o Mundo.

Na guerra de Zéfiro e Apolo fala Homero
– decorre.

Caos: vento no contra vela
– decorre.

....deixa....

Cria tua terra. Fala,
ditado o Nome.
Que podes senão
fazer

Portentosas façanhas *com que descobristes novos mares e novas terras, e
destes a conhecer o mundo ao mesmo mundo.*³

Eu – tão ermo.

Tu – vago...

*Eis o momento sejamo-lo
pra quê o pensamento?*⁴

³ História do Futuro. Pe. Antônio Vieira.

⁴ Uns versos quaisquer. Fernando Pessoa.

130.⁵

*Da Senhora os olhos não lembram Noite;
vermelha mais nos lábios que n'ajoite.
Como alvos seios, se até preto é ouro?
Se anéis os cabelos, por que o seu é solto?
Vi a Natureza, com bronze, fazer arabescos,
mas nas faces dela, nada assim eu vejo;
E há perfumes de mais bom gosto
que o bafo dela, de arder o rosto.
Amo ouvir-lhe a fala, e ainda sei
ter a música um som muito melhor;
Garanto, nunca vi como vai um grei,
mia Senhora ao andar é tip'um rei.
E pelos céus creio, tão raro meu amor:
s'igualada a falsos, faz chiste d'autor.*

298

⁵ Soneto 130. Shakespeare.

III.

Perdemos, da infância, algo de que queremos estar ignorantes.

Não é necessário rememorar o passado para descobrir que coisa é que ali deixamos. Dá-se as costas para acordar, e a criança suja sai a correr da tempestade. Vai voltar um dia, lambuzada, irreconhecível; há de bater à porta – quero fechar os olhos, vagar no sono, mas minha porta ribomba, um soprano acompanha. A melodia demanda ranger degraus, estourar chave e golpear o arco da porta. Frente à pálpebra d'abrigo, espio pela fresta. Nuvens escuras, e uma criança, de vestida em terra, segue a ditar um ritmo. Ao abrir já não mais há criança. Levanto da cama; cortinas explodem luz, parece, cada sombra, novo ponto num caleidoscópio; movo-o devagar, desvelo azul de olhar queimado. Que casa será? Onde guardara sonhos?

Uma bola passa pela janela. Batem-me a porta, meu nome... a bola em mão...

Só Pierre emergindo da juventude [Excerto]⁶

Estranhas, no interior, há algumas manhãs de verão, em que aquele que é tão só romeiro da cidade deve andar p'los campos dentro, e sofrer, da maravilha, golpes pel'aparência em transe do verd'ourado mundo. Nem uma flor se move; esquecem-se árvores de seu balanço; a grama mesma faz como se sem viço; e a Natureza toda; tomasse ciência do profundo seu mistério e sentisse impossível a fuga a não ser pelo silêncio; mergulha nesse mavioso e indecifrável repouso.

Tal era a manhã de junho, quando, saíra, conflituoso, da – de duas águas e caramanchã – casa velha de seus pais; Pierre, com suave frescor e espírito calmo pelo sono, áacre entrara na longa, vasta, arqueada em elmo, rua do Vilarinho, e quase inconsciente dobrou a volta dum chalé, que ap'recia à visão no final da vista.

Verdejante, o transe estendia-se longo, aberto; e nada trazia, além do mujir dos gados, a andarem sonhadores nos pastos, seguidos, não guiados, pelos, de rósea bochecha, garotos dos pés branquinhos.

Como que tocado e encantado no amor deste silêncio, Pierre achegara-se ao Chalé; erguidos os olhos, parou, suave, o olhar fixo numa cativante, janelinha de ali em cima. Agora, por que este apaixonado, jovial, pausar? Por que em chamas a face, os olhos? Acima do limite da janelinha, de branco-neve um travesseiro brilhante repousa; e, sobre ele, a trilha dum pomar, delicadamente, descansara uma rica, escarlate flor.

Deves tu caçar o travesseiro, tu flor mefítica, pensou Pierre; há menos de uma hora, a face dela descansara lá. "Lucy!"

"Pierre!"

300

⁶ Melville (1984).

IV.

Que fizeram com esta mulher que está toda cortada, coberta
de merda!?

Quem meteu-lhe os pés

dentro do CORPO!?

Inchaço horrível, inflamado

até os ossos.

301

Quem te TORTUROU mulher – pelo prazer?

Devemos queimá-la!

Atroz visão!

Calma, calma... olha como anda.

Engraçado como decai!...

façam suas apostas!

Quando vai dar de cara

no CHÃO

?!

EXTRA, EXTRA

O fingimento é uma
estão a fingir
todos... e são
uns hereges

DOENÇA

Malditos! Malditos!

digo mil vezes

302

Devolvi ao homem papéis! Tomai conselho não, permitíeis cuidados; vós falais, falais e...

nada

Deixai falar o Mundo outra vez! Que o choro
é de maior nobreza... é
o que se mais tem... somos
uma cena boba – num

Ato

ninguém sabe: somos...

palco

Palco do mundo: linguagem não

303

responde, e o mundo sempre a discordar – C H E G A

Deixai-nos vós, que sois *fim*

C H E G A

e eu?

Enxotei-vos!

RÁ!

Avec moi, dieu-le-chien – et sa langue⁷

*Comigo, deus-puto – e sua língua
que com 'um talo fura a côdea
da dupla calot'em arco da
Terra que o comicha.*

*E eis o triângulo d'água
qu'anda num passo d'inseto,
mas que sob o inset'em brasa torna
a golpe de cutelo.*

*Sob o seio da terrorrosa
deus-a-putinha se retira, de
sentidos da terra e d'água gelada que
putrefaz a linguoca.*

*E eis a virgem-a-martelo, pra
esmagar cavernas da terra, onde
o crânio do cachorrestelar sente
montar o atroz nível.*

⁷ Artaud ().

V.

Linguagem só se pode fazer numa falha!

Acreditamos piamente nas palavras.

Fechamos os olhos, cremos

no tom.

Numa língua,

forma de dizer traz

ventos do passado; no silêncio mesmo, entre

uma vírgula

305

e a

próxima palavra,

desatentos ouvem.

Traduzir não passa de uma tarefa morta!

Proponho um sistema disso: nego o direito à vida, do poema.

Poemas são – animais selvagens.

Teoria?! Força-os à jaula em que podemos, ao bel prazer, com data e hora, declarar a morte; realizar a autópsia da expressão, metro, som...

desvendar-lhe!

Como o Louvor?

Como está.

Visto pela paisagem, cada cor, gesto, cada forma **Mancha da Prensa**

à tela!

Eis o que deveria ser...

306

sermão: — nem Arte e nem Natureza existem para agradar ou servir às causas. A moral pertence ao leitor.

palavra da salvação: _____

Louvor a uma Urna⁸
In Memoriam: Ernest Nelson

*Doce era e boreal, a face
que fundiu na augusta másc'ra
os sempiternos olhos de Pierrot,
e, de Gargantua, a risada.*

*Pensamentos dele, recebidos
pela colcha e branco cabeçal,
agora, noto, eram heranças –
serenos pilotos da tempestade.*

*Esguelha lua na 'sguelhada serra
impeliu-nos tal vez às premonições
do que têm os mortos, ainda em vida,
e, d'alma outras avaliações*

*como, alcand'rado no salão do crematório,
o insistente relógio a comentar ia
tocando tão breve nosso louvor
das glórias próprias daquel' tempo.*

*Na mente 'inda tendo cabelos d'ouro,
ver não posso a arruinada sobancelha,
nem sentir falta do chirrio surdo d'abelhas
pelo lícido espaço retumbando.*

*Semeie estes idiomas benditos
na nuviosa primavera que enche
os subúrbios, onde se vão perder.
Eles não são nem um troféu do sol.*

⁸ Crane (2001).

Referências

ALIGHIERI, Dante (1932), *Vita Nuova*. Florença, Bemporad.

ARTAUD, Antonin (), *L'ombilic des limbes*. [S. l.:s. n.].

CRANE, Hart (2001), *Complete poems of Hart Crane*. New York, NY., USA.

MELVILLE, Herman (1984), *Pierre: or the ambiguities*. New York, NY. USA.

Presentation

This work, now presented, intends to create translations' performances within a *wrote byself* (i.e. *bricolagem*) narrative.

Presentación

El presente trabajo realiza un bricolaje narrativo con la intención de inventar performances de traducción.
